PÃ¡ginas de Sangue ConfissÃµes de Yui

by RoninLovers

Category: HakuÅ•ki/è–„æ¡œé¬¼
Genre: Horror, Romance
Language: Portuguese
Characters: Chizuru Y., Hijikata T.
Status: In-Progress
Published: 2011-01-07 03:57:17
Updated: 2011-04-09 23:34:46
Packaged: 2016-04-26 20:31:37
Rating: M
Chapters: 4
Words: 10,418
Publisher: www.fanfiction.net
Summary: Uma histÃ³ria que faz parte das ConfissÃµes do grupo RoninLovers. Yui uma garota com um passado sofrido e triste, se vÃª em meio a uma guerra enquanto tenta se divertir e se manter viva.

1. Fear PrÃ³logo

Disclamer: Hakuouki nÃ£o me pertence, mas a Yui foi criada por mim. XD

Rated: M / +18
>PrÃ³logo. XD
Por: Keito-chan da famÃ-lia RoninLovers.

Fear.
>Yokeda Yui.<p>

Pra ser sincera ele nÃ£o era de todo o mal, me ensinou vÃ¡rias coisas importantes em relaÃ§Ã£o a sobreviver, e mais do que isso me ensinou como usar minhas garras de uma forma rÃ¡pida e eficaz.
>Obviamente eu sempre soube que seu verdadeiro propÃ³sito era me vender ao feudo que desejasse um monstro para servir-lhes de protetor.
... O monstro era eu.

Ele me explicou o que eu era, pode soar hipÃ³crita e pouco elegante mas eu estava pouco me fodendo para essa tal coisa de Onis.

>NinguÃ©m passou por tudo o que eu passei, ninguÃ©m, nenhum monge budista ou crente de culturas que acredita que tenho sangue de demÃ´nio, querendo ou nÃ£o meu poder, me ajudou.
Humanos ou nÃ£o, a maldade existe no mais profundo pulsar de cada coraÃ§Ã£o vivente presente neste imundo e sÃ³rdido mundo belo, nada muda isso meu caro ouvinte, e nada nunca mudarÃ¡.
>Estaria com o chinÃªs que me comprara atÃ© achar conveniente. NÃ£o me importo com minha origem jÃ¡ que ela nunca existiu, sou o que sou e nada mudarÃ¡ isso, exista uma famÃ-lia a qual eu pertenÃ§a ou

nÃ£o.
E nada me importava realmente, sÃ³ a busca por respostas, podia ser uma crianÃ§a mas nunca fui amplamente inocente, nÃ£o que eu desejasse ser... De qualquer forma, simplifiquei minha existÃªncia em observar a dos outros, era divertido.
>NÃ£o se engane por possuir uma aparÃªncia frÃ¡gil, consigo ser mais forte que um brutamontes e mais boca suja que um marinheiro de porto espanhol, odeio ser subjugada.
Acho que o Ã¡pice de minha diversÃ£o nojenta e arrogante foi quando fui salva pelo shinsengumi, bons guerreiros, situaÃ§Ãµes diversas para presenciar, muitas batalhas, eu sÃ³ nÃ£o esperava que eles fossem conseguir mudar algo em mim.
>EntÃ£o, seja bem vindo a minha doce e miserÃ¡vel confissÃ£o, aonde minha brusca verdade choca-se contra a realidade e a fantasia, cercada por mistÃ©rios eu continuo sorrindo buscando apenas... Existir.<p>

-
>Tai o prÃ³logo (mal feito), da Yui-chan.
NÃ£o sei se acompanham o trabalho do nosso grupo RoninLovers, mas gostaria que soubessem que todas as estÃ³rias aqui postadas se inter-relacionam, quero dizer, as confissÃµes das meninas.
>Cada uma tem seu personagem, e para que se entenda bem a histÃ³ria deve-se ler todas. SÃ£o todas muito boas e se eu nÃ£o escrevesse, acompanharia com certeza. xD
Comentem, mesmo que seja "Harakiri kisama!" - Ou coisa do gÃªnero. q
>Kissus no kokoro.
Keito-chan

2. Caminhando sob o sangue fresco

Disclamer: Hakuouki obviamente e infelizmente nÃ£o me pertence.

>Obs: ContÃ©m spoiler tanto da primeira quanto da segunda temporada.<p>

Por: Keito-chan, famÃ-lia RoninLovers.

PÃ¡ginas de sangue
>Yokeda Yui<p>

NÃ£o conseguia mover minhas mÃ£os tamanha dor que sentia em meus dedos, filhos de putas, ainda arranco dedo por dedo das mÃ£os desses desgraÃ§ados.

Deitada de bruÃ§os no frio chÃ£o de madeira de uma masmorra em um feudo, com as costas
>talhadas por chicotes e os pÃ©s feridos por arames, minha situaÃ§Ã£o nÃ£o era das melhores, pois nÃ£o?<p>

Fechei os olhos deixando que mais algumas lÃ¡grimas escorressem por entre os cantos dos mesmos, nem mesmo a dor fÃ-sica que sentia naquele momento era maior do que a raiva contida dentro do peito.

Inferno, serÃ¡ que havia nascido para ser maltratada e sofrer? NÃ£o, nÃ£o poderia perder as esperanÃ§as ou este seria realmente o meu fim. JÃ¡ havia passado coisas piores do que agÃ¼entar o sadismo do chinÃªs que me comprara, e nada me faria mais feliz que estraÃ§alhÃ¡-lo e ouvir seus gritos desesperados, pedindo por clemÃªncia e perdÃ£o.

Sorri meio de lado, sentindo toda a extensÃ£o de minhas costas arderem, provavelmente o sangue ainda estava Ãºmido ali, dane-se.

Exerci mais forÃ§a do que deveria no ato seguinte, porÃ©m consegui me sentar. Argh, aquilo doeu, e acredite doeu muito. Ainda assim conseguiria me levantar e fugir daquele centro de perversÃ£o e medo.

>Tentava me transformar quando ouvi gritos e uma estranha agitaÃ§Ã£o do lado de fora de minha prisÃ£o.
- Azusa? Azusa estÃ¡ tudo bem? â€“ Chamei. Azusa era uma boa mulher, infelizmente casada com um imbecil, Ã© acontece.
>AliÃ¡s, acontece com mais freqÃ¼Ãªncia do que se imagina por isso minhas caras garotas eu sempre digo conheÃ§a bem a pessoa com quem vai arrumar compromisso antes de se prender a ela por toda a vida, ou isso pode ser fatal.
Azusa nÃ£o me respondeu, tornei a chamar porÃ©m a resposta ainda nÃ£o me era enviada, estava comeÃ§ando a me desesperar, foi quando vi a poÃ§a vermelha escorrendo para dentro de meu aposento.
>Aquilo era sangue!
Bati com mais forÃ§a contra a porta, gritando o nome da mulher e implorando para que me respondesse.
>Nada. Me chocava furiosamente contra a porta, berrava o nome de minha amiga que havia me salvado da morte naquele inferno e ainda assim nÃ£o conseguia sair dali, nÃ£o conseguia me libertar, nÃ£o poderia ajudÃ¡-la...<p>

- Azusa, droga me responda! Azusa! â€“ Ouvi um baque, algo bateu pesadamente contra o chÃ£o de madeira, me abaixei para olhar por entre a pequena e estreita vaga da porta.
>NÃ£o contive meu choro, o que havia se chocado com a madeira sem cuidado algum era o corpo decapitado da Ãºnica boa pessoa que existia naquele feudo, minha pobre amiga Azusa!
Seu nome saia em forma de gritos pelos meus lÃ¡bios, encostei o rosto do chÃ£o e fiquei ali olhando para os olhos negros e profundos antes tÃ£o dÃ³ceis e agora tÃ£o sem vida. Eu mataria o infeliz maldito filho de puta que fez isso com ela! Era uma promessa, e ah quando eu finalmente colocar minhas garras no desgraÃ§ado, ele vai implorar pela morte rÃ¡pida e indolor, mas o que terÃ¡ serÃ¡ a profunda dor e desespero como a que eu sinto agora, como o que Azusa provavelmente sentiu.

Fiquei ali chorando impotente perante a situaÃ§Ã£o, presa como um bicho novamente e sentindo que nunca nada valeria a pena, afinal o mundo que sempre me fora mostrado era esse.
>O mundo de violÃªncia, feito de maldades, de dores, lÃ¡grimas e Ã³dio. Isso nÃ£o era ambiente para uma crianÃ§a, e nem nunca o seria, ainda assim foi o Ãºnico lado humano que me fora mostrado atÃ© eu conhecer e linda mulher de longos cabelos e olhos negros, esposa de um vira-latas medroso e covarde que comprava garotas para usÃ¡-las de madrugada, desgraÃ§ado. Ainda assim os assassinos de Azusa tentavam arrombar a porta. Pura perda de tempo, eu mesma jÃ¡ havia tentado isso transformada vÃ¡rias vezes, claro que todas as tentativas falharam, a maldita porta era revestida de alguma merda muito dura e resistente. ForÃ§aram a porta por mais tempo, em vÃ£o, terminaram indo embora, e eu fiquei lÃ¡ presa naquele inferno de quarto, ferida, fraca, sem forÃ§as, enquanto o feudo era massacrado e o som dos gritos se tornava cada vez mais distante.
Soquei o chÃ£o com minha mÃ£o direita, senti uma ardÃªncia no local e o curativo que Azusa me tinha feito se tornou vermelho. Puxei o ar com forÃ§a, eu sairia dali de uma forma ou de outra.

Enfiei minha mÃ£o ferida pela vaga da porta, a dor era suportÃ¡vel apesar do sangue jÃ¡ ter manchado todo o curativo e escorrer pela extensÃ£o do meu braÃ§o, se mesclando com o sangue de Asuza.
>Me esforcei para conseguir chegar ao kimono da mulher, ela deveria guardar as chaves de meu cÃ¡rcere ali.
Feri meu braÃ§o atÃ© a dobra do cotovelo, enquanto me sujava com sangue e tentava em vÃ£o encontrar a saÃ-da...
>Com certeza mais de meia hora havia se passado, e eu ainda estava ali. Finalmente consegui puxar o cordÃ£o com a chave.
Me levantei depressa e coloquei a chave na fechadura, ia girÃ¡-la quando ouvi rosnados.
>NÃ£o estava mais sozinha ali. Retirei a chave, tentando nÃ£o fazer nenhum som, e ouvi o som de algo se movendo rapidamente. Em um piscar de olhos eu jÃ¡ havia me escorado na parede do lado esquerdo da porta.
Alguma coisa, humana ou nÃ£o, tentava me ver pela fresta da porta. Contive minha respiraÃ§Ã£o, segurando a chave contra o peito, fechei os olhos e rezei mentalmente para que aquela coisa nÃ£o conseguisse me pegar.
>No estado em que eu me encontrava seria uma presa fÃ¡cil e morreria facilmente, precisava sair dali antes que aquilo entrasse, mas como sair sem ser vista se a Ãºnica saÃ-da era aquele raio de porta?
Uma respiraÃ§Ã£o animalesca provinha de uma besta do lado de fora do quarto, Ah Deus, o que eu faria...
>Respirava com dificuldade ainda tentando nÃ£o emitir som, atÃ© comeÃ§ar a ouvir algo inescrupuloso e nojento.
A "coisa" lambia o sangue da Azusa se deliciando com a antes vida de minha agora morta salvadora, o que seria essa merda afinal, um vampiro? Lobisomen? NÃ£o posso dizer que desacredito tamanhas criaturas afinal, eu mesma nÃ£o sou humana.
>Ainda assim essas sÃ£o lendas que nÃ£o se aplicam ao JapÃ£o, entÃ£o nunca pensei que encontraria algo assim por aqui.
"Slap"- Mais uma lambina, argh, isso esta me revirando o estÃ´mago, Deus me dÃª forÃ§as para continuar aqui.

O que raios poderia estar ali afinal, nÃ£o, eu nÃ£o conseguiria lutar... A porta agÃ¼entaria qualquer carga que lhe fosse enviada com violÃªncia ou nÃ£o, o baque seria apenas um pequeno choque contra ela.
>Mas e quanto a mim? NÃ£o possuÃ-a ninguÃ©m que sentisse minha falta, ninguÃ©m para cuidar e o tempo poderia passar e a criatura continuar ali... NÃ£o, se for realmente um vampiro antes que amanheÃ§a ele irÃ¡ embora, mas estÃ¡ ai a minha odiÃ¡vel questÃ£o controversa e ridÃ-cula que me atormenta enquanto o resto de uma amiga Ã© devorado.
- Hijikata-san nÃ£o entre ai, pode ser perigoso! â€“ Ouvi vozes masculinas se aproximando. Homens! Estaria eu salva, ou apenas seria condenada por mais uma vez?
>Estava apreensiva, apertei com mais forÃ§a a chave, sangue escorria dos meus dedos, ouvi o som de uma lÃ¢mina afiada e optei por fechar meus olhos.
- HÃ¡ alguÃ©m ai?
>E agora?
- HÃ¡ alguÃ©m ai?
>- Sim! â€“ a resposta saltou dos meus lÃ¡bios, e antes mesmo que eu me desse conta havia tomado som e expirado pela lÃ-ngua.
- OuÃ§a, o feudo estÃ¡ em seguranÃ§a agora, pode sair agora. â€“ gritou.

>Era a minha Ãºnica chance de salvaÃ§Ã£o ou talvez a condenaÃ§Ã£o eterna, entÃ£o sem mais delongas, encaixei a chave na fechadura, virei-a e abri a porta.
- Hijikata-san Ã© uma menina! â€“ antes que me desse conta de qualquer coisa, uma escuridÃ£o tomou conta da minha visÃ£o e eu me deixei levar por ela, caindo sem rumo a um

abismo por mim conhecido, a solidÃ£o.

-.-
>Sentia a brisa gÃ©lida e cortante passando por meus cabelos, abri os olhos com alguma dificuldade, sentindo grossos pingos de Ã¡gua caÃ-rem sob mim.
Um grito teria escapado de minha garganta se eu conseguisse gritar. Minha voz parecia inexistente, enquanto as gotas rubras tornavam a cair acima de mim. NÃ£o possuÃ-a forÃ§as necessÃ¡rias para me mover, e o sangue acumulava-se ao chÃ£o formando poÃ§as.
>Ouvi risos, alegres e estridentes, vislumbrando em seguida as faces de todos aqueles que jÃ¡ haviam me ferido, todos me cercando, todos gargalhando.
Arames vieram rapidamente de alguma direÃ§Ã£o inexata e enquanto entravam na minha carne giravam.
>Tentei me mover, inÃºtil. Uma doce canÃ§Ã£o infantil comeÃ§ou a tocar e os arames se tornaram um emaranhado de lÃ¢minas, todas me retalhando.
Gritei finalmente, acordando. Estava em um quarto japonÃªs, deitada e coberta de curativos.

Desmaiei por falta de sangue, isso disse uma garota com cheiro estranho a qual cuidava de mim enquanto eu dormia, seu nome era Chizuru.
>- Onde estou, Onee-chan*? â€“ perguntei, ela corou com a pergunta, serÃ¡ possÃ-vel que ela nunca foi chamada de irmÃ£ mais velha na vida? Puff, que seja, preciso de respostas e espero que ela consiga me entregÃ¡-las.
Ela me disse estar em um "Edo" pertencente ao Shinsengumi, e disse que passei trÃªs dias e meio dormindo, incrÃ-vel ainda estar com minhas pernas e braÃ§os... Vai ver eram pessoas boas.

>- Como... Se feriu dessa forma? â€“ Intrometida...
- Brincando. â€“ sorri.
>Ela se assustou, por dentro explodi em risadas, que divertido!
- Qual o problema Onee-chan? â€“ perguntei fazendo uma doce e inocente cara de dÃºvida, Oh Deus, isso Ã© mais divertido do que pensei que seria.
>- EstÃ¡ se sentindo bem? â€“ Perguntou tentando acariciar meus cabelos prateados.
Me retrai imediatamente, nÃ£o era acostumada com toques, o Ãºltimo desgraÃ§ado que me tocou tentou invadir-me da pior forma possÃ-vel, serÃ¡ que Chizuru era uma "desses"?
>- Des-Desculpe. â€“ levou a mÃ£o aos lÃ¡bios.
- NÃ£o deve se desculpar Onee-chan, apenas nÃ£o sou acostumada com toques. â€“ tornei a sorrir, nÃ£o mentiria pra ela, seja ela quem for, odeio mentiras.
>- Mas, estÃ¡ se sentindo bem?
- JÃ¡ estive pior. â€“ comentei.

>Sabe-se lÃ¡ que espÃ©cie de coisas se passavam na mente dela a meu respeito nesse momento, nÃ£o que eu me importasse, mas ela nÃ£o parecia ser mÃ¡ pessoa. Sabe, quando se convive com a crueldade todos os dias vocÃª aprende a conhecer as pessoas por seus olhares, e o dela me demonstrava doÃ§ura, doÃ§ura em demasia aliÃ¡s.
- Onee-chan, o que era a criatura que matou Azusa, vocÃªs a chamaram de algo quando invadiram o feudo no qual eu estava...
>- Um Rasetsu. â€“ Um rapaz de olhos lilases, alto, de cabelos compridos negros presos em um rabo de cavalo apareceu, vestia-se de um kimono azul. â€“ VocÃª a Ãºnica sobrevivente do massacre ao feudo Hazimashite-Yume, me diga por que eles atacaram.
A Ãºnica coisa cabÃ-vel a se fazer ao meu ponto de vista foi rir. Gargalhei sadicamente, como uma crianÃ§a de oito anos, completamente ferida, trancada dentro de um quarto, saberia o que infernos esses tais Rasetsus queriam, esse rapaz Ã© louco?

>- Desculpe Nii-san, mas vocÃª nÃ£o pensou antes de fazer essa pergunta, nÃ£o Ã©? Sequer faÃ§o idÃ©ia do que sejam tais criaturas, estava presa e condenada a morte naquele feudo, como eu poderia saber o que queriam?
Ã‰ parece que eu tenho que conter minhas palavras, ninguÃ©m espera que uma crianÃ§a fale assim, ah merda, nÃ£o sei se disse isso desde o inicio de minha confissÃ£o, mas eu fingi ser um garoto por tanto tempo, convivi com tanta gente, que a Ãºnica coisa que nÃ£o sou em forma de pensar, Ã© uma crianÃ§a.
>- Qual o seu nome?
- Yui.
>- SÃ³ Yui? â€“ perguntou Chizuru.
- Sim Onee-chan, sÃ³ Yui-chan.

>- Onde estÃ£o seus pais? Eles estavam no feudo? â€“ LÃ¡ vai comeÃ§ar a mesma baboseira de sempre...
- NÃ£o tenho. â€“ sorri.
>O rapaz colocou a mÃ£o na testa, parecia pensar ou algo do gÃªnero. Terminou por sair do quarto sem nada dizer, acho que as pessoas daqui sÃ£o meio loucas...
- Quantos anos tem, Yui-chan?
>- Oito. â€“ Examinei os curativos, uau, estavam realmente bem feitos.
Chizuru mordeu os lÃ¡bios, ela era estranhamente familiar, parecia-se com Azusa em questÃ£o de choro, provavelmente. Mas ao que parece estava incomodada e nÃ£o sabia mais o que dizer.
>- Onee-chan, pode ir se assim o desejar. â€“ dei de ombros.
- Eu quero te ajudar! â€“ curvou-se em reverencia.
>Suspirei, como eu disse a principio doÃ§ura em demasia, Ã© nisso que dÃ¡ minha gente. Me levantei do futon e caminhei atÃ© ela, ergui sua cabeÃ§a com minhas mÃ£os.
- NÃ£o abaixe sua cabeÃ§a perante qualquer um Onee-chan, eles podem se aproveitar de vocÃª. VocÃª jÃ¡ me ajudou, vÃª? â€“ mostrei os curativos. â€“ Estou bem agora. â€“ sorri, por fim ela acabou sorrindo tambÃ©m, mas seu sorriso acabou por murchar quando perguntei quando poderia sair dali.
>- Mas Yui-chan, vocÃª nÃ£o tem famÃ-lia nem para onde ir, estou certa?- Murmurei um baixo sim seguido de uma careta. â€“ Por que nÃ£o fica aqui conosco?
- Onee-chan estÃ¡ tentando me prender?
>- De forma alguma! Mas nÃ£o Ã© seguro para uma crianÃ§a como vocÃª...
- Desculpe Onee-chan, nÃ£o desejo ficar presa. Posso ir agora? â€“ pedi, fazendo cara de choro.

Bom, Minna, e foi-se a primeira parte. Me desculpe caso tenha chocado-os, porÃ©m minha escrita normalmente **Ã© assim**.
>Espero receber comentÃ¡rios, e criticas se o julgarem necessÃ¡rio.
Logo teremos a continuaÃ§Ã£o e as ConfissÃµes das outras meninas, grata pela leitura.
>Keito-chan.<p>

3. O cheiro inebriante de Sangue

Disclamer: Hakuouki pertence a Idea Factory, e nÃ£o a mim. - Obvio?

>Esta confissÃ£o faz parte do projeto da familia RoninLovers.<p>

PÃ¡ginas de sangue, Por Yokeda Yui. - Escrito por Keito-chan.

>Espero que gostem do capitulo, estÃ¡... Decadente, assim como minha escrita o Ã©. AgradeÃ§o pela leitura, reviews nÃ£o matam. xD<p>

-

O cheiro inebriante de... Sangue.

- Para onde vai levÃ¡-la? â€“ a voz do homem era apenas um sussurro, mas eu pude ouvir claramente suas palavras. â€“ Largue-a em alguma mata para ser devorada, assim nunca mais teremos que olhar para a cara feia e maldita dela, tch. Esse monstrengo maldito Ã© nossa maldiÃ§Ã£o, obedeÃ§a minha ordem ou vou me embora desta casa ainda hoje!

Percebendo que eu estava escutando a conversa, sentada perto da porta, ele puxou sua saliva do fundo de sua garganta e escarrou, cuspindo perto de onde se encontravam meus pÃ©s, recuei alguns centÃ-metros me encolhendo ainda mais contra a parede, tinha medo daquele velho nojento.
>A casa de madeira caia aos pedaÃ§os, pouquÃ-ssimos mÃ³veis podiam ser vistos em toda a pequena e humilde residÃªncia, era apenas mais um lar desfeito.<p>

-Sim querido, farei o que deseja, assim voltaremos a ser felizes, nÃ£o Ã©? â€“ Acariciou os cabelos de seu companheiro, sorria bobamente perante seu marido a qual idolatrava vorazmente, o homem em resposta pigarreou. LanÃ§ou-me um olhar mortÃ-fero e se pÃ´s a falar novamente â€“ E vocÃª vem comigo mocinha! -Agarrou meu pulso delicado de crianÃ§a e me arrastou sem nenhum cuidado, levando-me para a estrada, pretendia me matar.

NÃ£o me lembro muito bem de seu rosto, era jovem demais para lembrar de detalhes. Mas se fecho os olhos consigo ver claramente a silhueta feminina da loira robusta que me trouxe a este inferno de circo. Ela era baixa, e chata como uma pequena barata albina, olhos azuis petrÃ³leo como a Ã¡gua que ela me banhava, suja. Quanto ao velho, lembro-me que estava sempre lustrando uma pistola e trajava-se com uma camisa vermelha, praticamente o tempo todo.
>NÃ£o consigo me lembrar como cheguei atÃ© eles, por mais que tente, mas nunca os vi como famÃ-lia, provavelmente havia sido vendida ou dada, como sempre aconteceu. Mas voltando a estrada...
Meu vestido era um puro mesclado de sujeira e pano podre, estava descalÃ§a e a areia seca daquela terra me feria de maneiras inimaginÃ¡veis, o sol estava quente e me lembro de chorar, a mulher cantarolou durante todo o percurso.

NÃ£o pedi que parasse, estar em sua casa era um inferno para mim, e mesmo que desejasse pedir que me deixasse viver, como faria isso? Nunca havido dito sequer uma palavra, a que se diga implorar clemÃªncia.

-.-
>O teatro de mÃ¡scaras no qual me encontrava jamais seria algo alÃ©m de uma prisÃ£o, a ficÃ§Ã£o era hipÃ³crita e nojenta, ela estava nas bocas de cada meretriz que jÃ¡ passara pelo local, arrisco dizer que era a Ãºnica lÃ-ngua falada por ali, a falsidade. Era apenas um circulo vicioso de desilusÃµes e horrores, e me enojava completamente fazer parte daquilo.<p>

NÃ£o que o fizesse, mas de certa forma minha existÃªncia se resumia a aquele circo, e de fato era apenas uma existÃªncia, eu era nada.

>Ainda assim o anÃºncio continuava a ser dado...<p>

"Vejam, vejam! Que linda menina, presa como um bicho! Vejam, vejam! O belo sacrifÃ-cio desta noite, uma crianÃ§a metade tigre metade mulher!

>Uma anormalidade da natureza, apenas um monstro criado pelo simples e nada inofensivo hostilizar na uniÃ£o monstruosa de espÃ©cies, face de crianÃ§a, rugido de besta".<p>

LÃ¡grimas escorriam de meus olhos, eu sentia que o amanhÃ£ nunca chegaria. Por que precisava passar por tudo aquilo? A dor era mais forte do que eu jamais seria capaz de suportar, e ainda me chamavam de monstro...
>Meu desejo era fugir para outra dimensÃ£o, em um espaÃ§o completamente novo e inabitÃ¡vel para os que me feriram, onde eu poderia ser livre, e poderia sorrir finalmente, viva. Desejava ir alÃ©m das estrelas, onde todo aquele negrume do cÃ©u se mesclava com nuvens de nÃ©voa, esbranquiÃ§adas e leves.
Eu desejava o impossÃ-vel.
>Mas este de fato era o meu desejo, um outro mundo, um outro espaÃ§o. Onde eu pudesse danÃ§ar sob o gostoso ar fresco da noite, algum lugar onde os vivos nunca chegariam. EntÃ£o, o que eu desejava era o fim? Acho que nem isso, me sentia vazia de tudo, apenas a dor me lembrava de que ainda vivia, se Ã© aquilo poderia ser chamado de vida.
Mais um golpe do chicote foi dado, ele me tirou de meus devaneios, fazendo com que um grito escapasse de mim. As lÃ¡grimas tornaram a descer, inferno! Odiava aquele lugar com todas as forÃ§as que possuÃ-a, eu nÃ£o era um monstro como eles diziam ser, nÃ£o era um bicho pra ser enjaulado e judiado, eu era uma pessoa como qualquer outra... Mas eles pareciam nÃ£o entender isso.
>Tudo poderia ter sido tÃ£o mais fÃ¡cil, se desde o comeÃ§o me vissem como uma humana... Mas o preconceito deles, o temor, os fizeram me enjaular. Sabe como Ã©, humanos ferem tudo aquilo que temem, tentando destruÃ--los, eu nÃ£o era uma exceÃ§Ã£o.
O cartaz dizia "Venha conhecer nosso maravilhoso e espetacular circo.", nunca vi nada espetacular naquela bugiganga de horrores, aquilo nunca seria algo alÃ©m de uma masmorra fÃ©tida e nojenta.

VocÃª visitante, nÃ£o adora circos? SÃ£o todos tÃ£o belos, tÃ£o alegres e mÃ¡gicos, uma dimensÃ£o completamente diferente da realidade suja e irreal a qual convive todos os dias. Circos sÃ£o muito mais que espetÃ¡culos, e por trÃ¡s do sorriso vermelho de cada palhaÃ§o a gargalhar, hÃ¡ mais do que tristeza, hÃ¡ um universo nunca explorado pela mÃ-dia e pela hipocrisia da fama. ... HÃ¡ dor.

Meu companheiro de conversas era um homem nobre, amargurado por todas as feridas cicatrizantes que possuÃ-a. Seu nome nÃ£o direi, jÃ¡ que o mesmo evitava dizÃª-lo, mas Ã©, ele teve meu respeito atÃ© o fim de tudo. Era alto, e possuÃ-a braÃ§os fortes, ruivo e lotado de sardas.

>Chamarei-o por John, por ser americano deve caber-lhe bem. Pois bem, John era um comediante nato, escondia qualquer traÃ§o de sua depressÃ£o apÃ³s pintar-se a carÃ¡ter de palhaÃ§o. Ele me ensinou o que podemos chamar de lÃ-ngua, e o que se denomina vida, ele me alimentava e me salvava de grande parte dos aÃ§oites sentenciados por eu nÃ£o me transformar durante as apresentaÃ§Ãµes.
Eu era sua responsabilidade, e ele arcava com qualquer tipo de conseqÃ¼Ãªncia caso eu fizesse algo errado. Por que ter todo esse trabalho por uma crianÃ§a bastarda e monstruosa que Ã© prisioneira de um circo?
>De acordo com ele, eu era uma figura estupidamente idÃªntica a filha que perdera quando casado, nunca me deu detalhes a respeito, mas se nÃ£o queria tocar no assunto por que lhe doÃ-a, resolvi nÃ£o buscar respostas a respeito.<p>

Odiava aquele circo com cada cÃ©lula de todo meu corpo, odiava o fato

de estar sempre presa a grilhÃµes e sobretudo o homem que me dava chicotadas todos os dias, este eu destroÃ§aria em minhas mÃ£os, sem piedade alguma. Meus gritos iam perdendo o som conforme a tortura se prosseguia, pedindo silenciosamente por ajuda e jÃ¡ sem forÃ§as, estava prestes a desmaiar.
>NinguÃ©m estava ali, ninguÃ©m nunca estaria. NÃ£o importa o quÃ£o forte eu gritasse, implorando por socorro, o auxilio nunca viria.
NÃ£o havia alguÃ©m para pÃ´r toda a culpa e Ã³dio a qual sentia naquele momento, grossas lÃ¡grimas escorriam dos meus olhos, e eu continuava ali, caminhando entre a fina lÃ¢mina que separa a vida da morte.
>Mais lÃ¡grimas rolavam pelo meu rosto, minha respiraÃ§Ã£o era irregular e tudo o que eu era capaz de sentir era Ã³dio. Aquilo era o comeÃ§o de tudo afinal, os piores anos que passei, tentando ser capaz de suportar as torturas e as ofensas.<p>

- SerÃ¡ que dessa vez vocÃª aprendeu a liÃ§Ã£o, vadiazinha? â€“ Puxou o chicote lentamente, o mundo girava a minha volta, sentia como se tudo se passasse com outra pessoa, enquanto eu inerte a tudo assistia a sentenÃ§a maldita a qual era obrigada a passar. â€“ Entenda, se vocÃª se comportar como um bom monstrinho tudo serÃ¡ mais fÃ¡cil. EntÃ£o, para o prÃ³ximo espetÃ¡culo se transforme em um tigrezinho albino de merda, ou agÃ¼ente as conseqÃ¼Ãªncias. Entendeu?
>Ele caminhou atÃ© mim, se abaixou e tocou meu rosto, me senti completamente enojada, quem aquele desgraÃ§ado filho de uma puta pensava que era para me tocar?
- Ã‰ uma pena ferir uma criatura tÃ£o bela... â€“ Passou os dedos por meu cabelo, tirando-o de meu rosto. -O que acha de...
>Interrompi sua frase, cuspindo em seu rosto gordo e nojento.
- NÃ£o ouse terminar essa maldita frase, gorducho de merda, volte para o buraco nojento do inferno de onde saiu e deixe-me em paz, infeliz. â€“ Enquanto o homem tentava revidar os insultos com um soco, eu fui mais rÃ¡pida e o atingi com minhas garras.
>Foi perfeito, gargalhei ao ver sua cabeÃ§a sendo divida em quatro pedaÃ§os, minhas garras eram fatais afinal.
Seu grito nÃ£o ouvi, uma pena, foi tudo rÃ¡pido demais, atÃ© pra mim. Mas foi realmente adorÃ¡vel ver o sangue escorrer por entre meus dedos manchando o imaculado vestido branco e inocente no qual me tinham posto.

>Degustei da sensaÃ§Ã£o de tÃª-lo matado atÃ© os Ãºltimos espasmos de alegria que nunca havia possuÃ-do, o carmim escorreu pelas tabuas, descendo por elas e manchando a verde grama Ãºmida.
Era a primeira vez que tirava uma vida, aquilo deveria significar tanto para mim... Mas foi apenas, satisfatÃ³rio, nada mais e nada menos que isso. Precisei fazer aquilo, e nÃ£o duvidem nunca me arrependi de ter feito.
>NÃ£o possuÃ-a o discernimento necessÃ¡rio para dizer o que era certo ou o que era errado, matar um humano era como matar um rato ou pÃ¡ssaro para me alimentar, algo comum. Deixei que meus olhos se fechassem, buscando em vÃ£o um terno descanso mesmo que momentÃ¢neo. Pouco tempo depois tornei a abri-los, estava pronta para a chacina, sentia o sangue correndo rÃ¡pido demais em minhas veias me dando uma sensaÃ§Ã£o prazerosa, passei a lÃ-ngua por meu lÃ¡bio inferior, o gosto era salgado e prÃ³prio do suor.
Traguei o ar com forÃ§a, e gargalhei me sentindo completamente fora de mim, mas acima disso me sentia bem.
>O sangue estava seco, mas o odor ainda era presente no local, sorri meio de lado, enquanto sentia minha transformaÃ§Ã£o comeÃ§ar.
Meus longos cabelos lisos e prateados logos se tornaram cacheados, senti toda a extensÃ£o de minha pele se arrepiar, enquanto orelhas

similares a de gatos surgiam em minha cabeÃ§a. Meus dedos sofreram uma dor terrivelmente fatÃ-dica, se transformando em garras cada um se rasgava, de dentro para fora.
>Gemi, lambendo o sangue que escorreu dos mesmos jÃ¡ completamente transformados e duros como ouro, estas eram as minhas espadas douradas, minhas garras, meu sangue. Senti as presas sobressaltarem em minha boca, enquanto um rabo rompia minha coluna para sair. Rugi, alto, o som era extremamente amedrontador a quem o ouvisse, mas dane-se minha idÃ©ia era destruir toda aquela bosta de circo maldito.
Com apenas um puxÃ£o quebrei as algemas de ferro que me prendiam, ri de forma maliciosa, finalmente diversÃ£o, finalmente... Poderia sentir o doce sabor amargo da morte, nÃ£o minha claro, mas dos que odiava.

Era noite de espetÃ¡culo, um domingo. VÃ¡rias pessoas passeavam pelo local, comprando doces e sorrindo para as absurdidades que o local continha. E obviamente, todos se assustaram quando uma das carroÃ§as praticamente explodiu e dela saltou uma criaturinha demonÃ-aca.

- Hora de brincar! â€“ Ri inocentemente, saltei sobre a imensa lona do circo, cortando-a e caindo em meio ao picadeiro.
>Todos os espectadores se chocaram, murmurando um "Oh!", meu suposto dono, o maldito que liderava o circo tentou correr ao me ver livre e transformada.
Saltei sobre ele e o despedacei perante a platÃ©ia, primeiro arranquei-lhe as pernas, depois os braÃ§os.
>- O que foi meu senhor, nÃ£o estÃ¡ feliz por me ver transformada? Este nÃ£o era seu desejo, my lord? â€“ Ele me fitou com desespero, gritando dor em seguida. Gargalhei novamente, aquilo era tÃ£o divertido, tÃ£o gostoso...
Arranquei sua cabeÃ§a, e a trouxe para mim, meu vestido antes delicado e infantilmente branco agora era completamente rubro, abenÃ§oado seja o vermelho, o carmim, o sangue... E a vinganÃ§a.
>Lambi o sangue que escorria pelo queixo, minha lÃ-ngua era completamente animalesca naquele momento, tanto quanto eu.
Coloquei sua cabeÃ§a de volta ao chÃ£o, e chutei-a contra a platÃ©ia.
>- Ops, serÃ¡ que fiz isso errado? Nunca brinquei antes entÃ£o... Ah que seja, vamos brincar de "O grande banquete do imperador" agora, sim? E vocÃªs vÃ£o obedecer pacientemente nÃ£o Ã© mesmo? â€“ Gargalhei dando mais um salto longo, as pessoas lutavam para escapar da tenda, doce engano, fatal eu diria.
Cerquei todo o lugar com rum, e ateei fogo. Gargalhava ao ouvir os gritos de desespero, o cheiro era de carne assada, mas fedia.
>O fogo consumiu a tenda principal rapidamente, entÃ£o corri para matar os fugitivos e atear fogo nas coisas restantes, aquele centro de torturas jamais voltaria a existir, e as almas de todos ali estariam condenadas a queimar para a eternidade.
Tudo estava feito, ninguÃ©m nunca mais me feriria com chicotes ou me colocaria a grilhÃµes, era uma promessa feita a mim mesma, e por mais que fosse difÃ-cil sobreviver, eu, uma existÃªncia impura, maldita e pecadora, ia lutar para ser livre e um dia finalmente, morrer em paz.

>Encontraria um lugar sÃ³ para mim, custe o que custasse. Tornei a caminhar, infelizmente estava fraca, caminhei durante horas, sentindo o fresco sereno da noite. NÃ£o havia lua, estava escuro, mas eu nÃ£o me importei, continuei caminhando.
O amanhÃ£ tardou a chegar, e quando dei por mim estava em uma carroÃ§a deitada em palha, homens conversavam animadamente a minha frente, como infernos eu havia chegado ali?

- Quem sÃ£o vocÃªs? â€“ perguntei de sobressalto.
>- Oh veja irmÃ£o, a menina acordou! Que bom! EstÃ¡ bem, pequena? â€“ O mais velho deles murmurou, parecia ser do campo e humilde, era francÃªs.
Infelizmente, eu nÃ£o era francesa! E nÃ£o sabia nada sobre aquele idioma, falava inglÃªs fluentemente e arranhava o mandarim, sÃ³ isso!
>- Excuse-me? â€“ Perguntei ainda amedrontada.
- Ah, Ã© americana? â€“ ForÃ§ou a garganta e comeÃ§ou a falar inglÃªs. â€“ Eu sou Filip e este Ã© meu irmÃ£o Armand, estamos indo para um mosteiro pedir suprimentos e estadia, nossa aldeia foi dizimada pela peste, sabe menina Ã© perigoso ficar por ai sozinha, ainda mais em tempos como este.
>O irmÃ£o concordou ao seu lado, e se pÃ´s a falar tambÃ©m.
- Isto Ã© obra do demÃ´nio menina, mas diga aonde estÃ¡ sua famÃ-lia? â€“ perguntou, seu sotaque francÃªs ainda presente.
>- NÃ£o tenho...
- EstÃ¡ fugindo da peste tambÃ©m?
>- Pode se dizer que sim. â€“ murmurei â€“ PerdÃ£o, quem Ã© o inimigo que estÃ¡ destruindo tudo?
- DemÃ´nio, nunca ouviu falar disso? NÃ£o Ã© catÃ³lica?
>- O que Ã© ser catÃ³lica?
- Meu Deus! Aonde foi criada pequena? NÃ£o me diga que Ã© uma bruxa! Quem Ã© o Deus a quem serve?
>- Deus? Quem Ã© esse? â€“ De fato nunca soube nada a respeito.
- Armand, precisamos levÃ¡-la ao mosteiro imediatamente! LÃ¡ ela terÃ¡ ensino e saberÃ¡ o necessÃ¡rio para viver na paz do senhor.
>NÃ£o entendi muito bem o que queriam, mas me pareceram pessoas boas. Me deram Ã¡gua e pÃ£o, continuei na carroÃ§a atÃ© chegarmos perto de imensos portÃµes de madeira.
De lÃ¡ saÃ-ram homens que vestiam vestidos, possuÃ-am um colar estranho preso ao pescoÃ§o, e usavam chinelos.
>Eles me puxaram para dentro do imenso local, nÃ£o podia me defender de qualquer forma, nÃ£o agÃ¼entaria me transformar novamente, estava esgotada.
Me levaram a um salÃ£o gigantesco, e lÃ¡ me deram de comer. â€“ De novo. Isso era incrÃ-vel nunca tinham me dado comida ou me tratado com carinho antes, o que seria aquilo? Seria a tal piedade que John tanto me dizia quando estava vivo?
>Um dos homens de vestido me levou com ele atÃ© um outro salÃ£o, este possuÃ-a bancos espalhados por toda a sua extensÃ£o, e na frente um altar, com o mesmo sÃ-mbolo que traziam no pescoÃ§o, era uma cruz.<p>

-.-
>Os dias se passaram rapidamente, me ensinaram a ler, escrever, e me deram um livro de capa preta para me nutrir de informaÃ§Ãµes, seu nome era bÃ-blia.
Um tempo depois eu jÃ¡ sabia quem era Deus, e sabia que ele era o Ãºnico capaz de me salvar, de tudo, e de mim mesma.
>Ele era a luz no fim do tÃºnel existente para os fiÃ©is e os que acreditam no amor e na vida, Ele era o Ãºnico capaz de me tirar de meu desespero e dor, era minha liberdade e paz.
Todos os dias eu passei a observar o canto dos pÃ¡ssaros, o sol ao nascer e a se pÃ´r, a vida em geral. Estar perto dele em forma de pensamento me deixou tÃ£o calma quanto nunca estive antes, eu me sentia acolhida.
>Os padres cuidavam bem de mim, e me mantinham distante de qualquer sofrimento, ajudava a fazer pÃ£es e a cozinhar para eles.
Eu estava tÃ£o bem como nunca estive antes... Isto era tÃ£o... Inesperado. Infelizmente pouco tempo depois, comeÃ§aram a chegar pessoas diferentes e presas a grilhÃµes ao mosteiro.
>Fiquei completamente petrificada no local, eles tambÃ©m faziam o que os homens do circo faziam comigo? Isto nÃ£o era possÃ-vel, eram pessoas tÃ£o boas!
Vi levarem uma mulher que gritava em desespero

para o subsolo de pedra, os segui silenciosamente, e me escondi lÃ¡ dentro.
>... Para meu desespero era uma cÃ¢mara de tortura, facas, correntes, fogo, instrumentos de tortura, o local era o inferno.
Colocaram a mulher presa a uma tÃ¡bua de metal, prenderam suas mÃ£os e pÃ©s, e comeÃ§aram o interrogatÃ³rio.
>Com instrumentos estranhos eles puxavam os braÃ§os e pernas da mulher que chorava implorando piedade, ela gritava dizendo nÃ£o ser uma bruxa, mas eles nÃ£o paravam.
Queimaram a pele dela com ferro quente, marcaram suas costas com chicotes, arrancaram suas unhas, e por fim a mataram.
>Foi horrÃ-vel ver aquilo, nÃ£o agÃ¼entaria ficar atÃ© o fim ali. Eles eram tÃ£o monstros como os que julgavam! Era terrÃ-vel, exercer tamanha dor em um ser vivo, por nada... Lembrei de quando queimei o circo, e senti uma pontada de culpa que veio por meu estÃ´mago e subiu atÃ© minha garganta, eu havia infringido mais dor ainda a outros seres, nÃ£o Ã©?
Eu nÃ£o era NADA diferente deles, e ainda assim estava enojada... Chorando levei minhas mÃ£os a terra e prometi que nunca mais deixaria meu lado fera tomar conta de mim a ponto de perder a razÃ£o, nunca mais.
>E mais do que nunca, precisava fugir daquele local, antes que descobrissem que eu era um monstro, ou o meu destino seria o mesmo da suposta bruxa.
- Marry, o que estÃ¡ fazendo ai no chÃ£o, chorando? â€“ Perguntou-me um padre.
>- Padre, peÃ§o desculpas por isso... Mas estou deixando o mosteiro. â€“ NÃ£o mentiria.
Marry era como eles me chamavam, algo dado por eles jÃ¡ que eu nÃ£o tinha um nome.
>- O que estÃ¡ dizendo Marry? VocÃª Ã© uma crianÃ§a, ficarÃ¡ aqui atÃ© crescer e se casar. â€“ riu.
Antes que eu pudesse responder, uma flecha foi lanÃ§ada na direÃ§Ã£o do padre, eu o derrubei no chÃ£o tirando-o da rota da arma, infelizmente um humano normal nÃ£o conseguiria fazer aquilo.

- Marry, o que? â€“ Um sino tocou, era o alarme de que estÃ¡vamos sendo atacados, os homens da vila da qual haviam tirado a mulher estavam se rebelando, nÃ£o era adoradores do demÃ´nio, eram apenas homens comuns, porÃ©m guerreiros.
>Em uma questÃ£o de minutos o mosteiro estava sendo destruÃ-do, e apenas eu poderia parar aquilo. O que faria? Mordi meu lÃ¡bio inferior, se me transformasse poderia salvar os padres, mas mataria os homens e seria nomeada filha do mal.
PorÃ©m se deixasse o mosteiro ser dizimado, nunca seria capaz de me perdoar. Perante os olhos do padre JoÃ£o, me transformei, ele ficou horrorizado.
>- Por Deus, Marry vocÃª Ã© um monstro! â€“ Ele pegou seu crucifixo e o apontou para mim. â€“ Afaste-se de mim, demÃ´nio!
Suspirei, era o fim afinal. NÃ£o matei os homens da vila, mas os afastei, disse que se voltassem ali seria realmente o fim deles, de fato eles tremeram de medo perante a criaturinha monstruosa de cabelos prateados.

>Marry, a menina Ã³rfÃ£ que estava a cuidado dos padres, estava oficialmente morta. Fugi do mosteiro, deixando um bando de homens de Deus amedrontados.
E lÃ¡ estava eu, na estrada novamente, pronta para o que o amanhÃ£ tinha para me dar. Provavelmente, mais sangue.

Well, ai estÃ¡ o primeiro capitulo... Ta meio tenso, mas Ã© isso.

>Arigatou por ler.
Beijos de chocolate.
>Keito-chan<p>

4. Casa de bonecas

Este Ã© um projeto escrito por Keito-chan, em conjunto com a familÃ-a RoninLovers, qualquer uso nÃ£o autorizado do que estÃ¡ aqui Ã© plÃ¡gio. :3
>Rated: M
Disclaimer: Hakuouki nÃ£o me pertence, mas a Yui e o Caspian sÃ£o unicamente meus. u.u
>-<p>

Casa de bonecas. Capitulo dois.

As vezes eu cria que nÃ£o deveria nunca ter nascido, eram momentos ruins e sempre que me pegava pensando nisso, tentava inutilmente me animar, seria ilusÃ£o de mais acreditar em um futuro bom?
>NÃ£o era vista com bons olhos, nÃ£o importa onde estivesse. A fantasia macabra de ser um monstro sempre me perseguia, serÃ¡ que isso soa tÃ£o deplorÃ¡vel a vocÃª, como soa para mim?<p>

Eles fizeram um bom trabalho me traumatizando e cortando em pedaÃ§os meu psicolÃ³gico, aquela idÃ©ia de ser uma criatura nojenta e demonÃ-aca jamais me deixaria, era uma marca cravada em minha alma. Me pergunto o quÃ£o baixo ainda pode chegar um ser humano, sinceramente.

Andei por semanas ou quem sabe atÃ© meses, migrando de cidade em cidade, nÃ£o importava o lugar os olhares eram sempre os mesmos. Afinal, quem veria com bons olhos uma menina suja e mal vestida?

A FranÃ§a era maior do que pensei que fosse, antes que me desse conta jÃ¡ estava fluente no idioma dominador daquele lugar, ainda assim eu nÃ£o passava de mais uma crianÃ§a mendigando pÃ£o nas imensas avenidas luxuosas de condes e condessas, para eles, apenas mais um cÃ£ozinho precisando ser alimentado ou, esperando a prÃ³xima nevasca chegar, para assim morrer congelado.

Muitas crianÃ§as fugiam dos abrigos aos quais eram levados, ao que parece aquele lugar poderia ser pior que a fome que assolava os estÃ´magos gritando por algo comestÃ-vel e um pouco de descanso. Tentaram me levar para um desses "abrigos" uma vez, corri sem pensar duas vezes, nÃ£o seria pega novamente, nunca mais.

Aquele paÃ-s estava aos cacos, e para piorar ainda mais aquela situaÃ§Ã£o nojenta e fÃºtil, a peste assolava boa parte de todo o territÃ³rio FrancÃªs.

Muitas famÃ-lias deixavam suas casas levando apenas o bÃ¡sico e necessÃ¡rio, todos correndo da doenÃ§a que diziam ser fruto da bruxaria, e antes que todos se dessem conta o inverno chegou. NÃ£o sentia frio, pra ser honesta nÃ£o sentia nada. Era como se ainda fosse primavera ou verÃ£o, ou qualquer outra estaÃ§Ã£o do ano.

Eu era indiferente a tudo isso, me alimentava de pequenos animais que matava ou de frutas de Ã¡rvores, nunca cairia tanto a ponto de pedir comida, morreria antes disso.
>Minhas roupas agora nÃ£o passavam de um trapo, uma bota de pano, um vestido marrom velho, e uma capa vermelha de veludo que havia ganhado no mosteiro.
Suspirei, o ar estava tÃ£o gÃ©lido e cortante que feria meu rosto, mas ainda assim minha temperatura era a mesma. Por mais que quisesse nÃ£o conseguia mentir para mim mesma, todos os dias

criava milhares de histÃ³rias felizes em minha mente, me imaginando como protagonista das mesmas, todos os dias eu desejava a felicidade.

Mas como disse, mentir para mim mesma era algo impossÃ-vel, me lembrava claramente das palavras do padre, as ofensas do circo, os olhares do povo francÃªs dirigidos a mim... De fato, eu era uma criatura estranha, o que eu era?

Suspirei, precisava me transformar e ver com meus prÃ³prios olhos o quÃ£o longe e desfigurada se tornava a minha aparÃªncia nesses momentos, eu nunca havia me visto transformada antes.

Claro, sabia que meu cabelo mudava afinal ele era estupidamente comprido, sabia que minhas presas cresciam pois estas furavam meus lÃ¡bios e se tornavam inconvenientes para me comunicar, e seria impossÃ-vel nÃ£o saber das garras, pois nÃ£o?

Fui capaz de supor que meus olhos se tornavam rubros, pois minha visÃ£o mudava completamente quando estava transformada, era capaz de vislumbrar perfeitamente tudo, no mais completo escuro. O sangue me atraia e eu sentia o rabo rasgar minha carne para sair, o mesmo para com as orelhas.

Me transformar era quase como ser masoquista, a dor era terrÃ-vel, entÃ£o sempre evitei isso ao mÃ¡ximo, ainda assim, era necessÃ¡rio, e as respostas por eu ser assim ainda nÃ£o existiam.

Caminhei pelo caminho escorregadio e branco, a neve estava brusca naquela manhÃ£. Adentrei a floresta, encontraria um rio por ali, com toda a certeza. Estava certa, realmente existia um rio ali, porÃ©m congelado.

NÃ£o que me importasse, sÃ³ precisava de algo para ver meu reflexo. Fechei os olhos e me preparei para a dor, me transformaria e veria o quÃ£o terrÃ-vel ficava, me ajoelhei frente ao lago congelado e iniciei minha transformaÃ§Ã£o.

- Mer-da. â€“ praguejei, sentindo meu lado fera rasgar meu lado humano. Era como ser cortada em pedaÃ§os para ser novamente junta e costurada, em pontos cegos e linhas turvas.

Abri os olhos lentamente, quando me vi nÃ£o agÃ¼entei o horror e gritei. Meu grito nÃ£o passou de um rugido animalesco.

Era terrÃ-vel, olhos extremamente vermelhos como o mais puro sangue, alÃ©m das orelhas de gato acima da cabeÃ§a eu possuÃ-a um chifre!

Gemi, deixando minhas garras vagarem por minha cabeÃ§a, o chifre era minÃºsculo mas ainda assim existente, era como uma pequena ponta de estrela em minha testa, como um unicÃ³rnio... Minhas garras eram monstruosas, e minhas presas completamente animalescas, de fato, eu me assemelhava a um tigre, sÃ³ que com um chifre de unicÃ³rnio, um tigre branco.

Puxei o ar com forÃ§a, era hora de tentar controlar aquilo. NÃ£o poderia me transformar em um monstro completo tÃ£o rapidamente, deveria repartir meu lado animalesco em partes, para assim usufruir dos poucos lados bons da transformaÃ§Ã£o.

Com um pouco de forÃ§a consegui esconder o chifre, Ã³timo! Fechei os olhos e apertei a neve da margem contra as mÃ£os, agora deveria cuidar das presas.

- Vamos, vamos! Sumam logo! â€“ Gemi, mas depois de um certo esforÃ§o elas finalmente se foram. LÃ¡ estava eu agora, com orelhas de tigre, rabo de tigre, e garras.

Eu precisava acima de tudo, aprender a me controlar. Me deixei cair sob a neve, e lÃ¡ mesmo adormeci.

Acordei sentindo algo quente sob minha cabeÃ§a, e sentindo um cheiro bom de flores, era calmo e tranqÃ¼ilo. EntÃ£o me desesperei, serÃ¡ que havia morrido? NÃ£o, nÃ£o, nÃ£o! NÃ£o poderia morrer antes de descobrir o que eu era verdadeiramente! Deus, preciso acordar, agora!

- Ela estÃ¡ atÃ´nita, deverÃ-amos levÃ¡-la a um hospital? â€“ Ouvi vozes, seriam anjos? Mas espere, anjos nÃ£o me levariam hÃ¡ um hospital e sim a SÃ£o Pedro. EntÃ£o, eram humanos? â€“ Veja ela estÃ¡ abrindo os olhos!

Abri os olhos lentamente, e me vi cercada de pessoas. Estava viva, suspirei aliviada, mas ainda assim, aonde estava?

- Como se sente querida? â€“ perguntou-me uma senhora robusta, parecia ser a criada da casa, perto dela dois homens, um velho que pelo porte e roupas deveria ser Conde ou da corte, e um jovem com trajes formais.

- Onde estou? â€“ perguntei, ainda no estupor do sono.

- Na mansÃ£o dos RozijuÃ©, agora me diga pequenina, como se sente? â€“ Me lanÃ§ou um sorriso amigÃ¡vel.

- Bem... Eu acho. â€“ corei, ser tratada gentilmente era tÃ£o... Novo e bom.

-Avisarei os patrÃµes que acordou, espere um pouco. â€“ E saiu, eu estava fraca demais para reagir, mas isso de patrÃµes nÃ£o me soou nada, nada bem.

Logo, uma menina veio correndo atÃ© onde eu estava, era linda e nÃ£o muito mais velha que eu, deveria ter 14 anos se nÃ£o, menos. Parecia-se extremamente com um anjo, olhos azuis como o mais livre cÃ©u, lÃ¡bios finos e rÃ³seos, os cabelos eram louros e compridos, cacheados, no alto de sua cabeÃ§a estava um laÃ§o de fita provavelmente de um bom tecido, era vermelho.
>Vestia um vestido cor de rosa, cheio de babados e mimos, era uma pequena princesa.<p>

- Veja papai, ela acordou! â€“ Entusiasmada a menina pulava e sorria para seu pai, um homem alto, loiro como ela, mas com feiÃ§Ãµes mais duras e obviamente muito mais velho que a mesma. â€“ Que nome darei a ela? Oh, preciso me decidir entre Alexandra e Rebeca, qual deles prefere?

Ahn? Como assim nome? Esta crianÃ§a angelical Ã© louca? Creio que estou em minha forma "humana", a que ela se refere?

- Filha, ela Ã© uma crianÃ§a... JÃ¡ discutimos sobre isso, nÃ£o Ã© mesmo? â€“ LanÃ§ou-lhe um olhar digno de pena.

- NÃ£o! â€“ a menina bateu o pÃ© com forÃ§a contra o piso em seu mimo imbecil, ela berrou, chamando ainda mais a minha atenÃ§Ã£o para acordar. â€“ Eu a encontrei, ela Ã© minha! Ela serÃ¡ minha boneca, e serÃ¡ minha atÃ© que eu me canse dela!

Boneca? Eu? Dela? Mas nem a pau! Preciso sair dessa casa, agora! NÃ£o fico aqui nem por mais um minuto, sÃ£o loucos!
>Me sentei de sobressalto, meus olhos estavam arregalados, puxei com rapidez os pesados cobertores de pele de lobo que me cobriam e me levantei.
Ambos cessaram sua discussÃ£o inexistente e me fitaram.

- Oh, estÃ¡ decidido, serÃ¡ Elizabeth!- Levou ambas as mÃ£os ao peito e deu um sorriso alegre, suas piscinas azuis reluziram,- Ela Ã© perfeita papai, me deixe ficar com ela, vamos! â€“ Estava tonta e por isso custei a andar, ainda assim me pus a correr, passando por eles rapidamente e indo em direÃ§Ã£o a porta.

- Edward! RÃ¡pido, pegue a pequena moribunda que estÃ¡ correndo! Ela pode ser uma ladra, nÃ£o podemos confiar em gente da rua. â€“ Quanto ele balbuciou "rua" eu jÃ¡ estava longe, correndo feito louca pelos imensos corredores de madeira lustrosa, deveria ser um lugar muito grande, afinal, por quantos mais corredores eu passava, mais corredores se seguiam.

Confesso, me senti em um labirinto. O homem de trajes formais negros correu atrÃ¡s de mim, mas que inferno, nÃ£o existia uma janela ou uma porta que levasse a saÃ-da?

- Peguei! â€“ murmurou se abaixando para me pegar com seus braÃ§os, saltei para cima e passei por cima do mesmo, pisando em suas costas.

E nÃ£o Ã© que estava sendo divertido! Gargalhei correndo pela imensa casa, o rapaz irritado passou a levar a sÃ©rio, coitado, sÃ³ o fiz de bobo, mas ainda assim procurava por uma bendita janela salvadora, que parecia nÃ£o existir.

Passei por vasos caros e chiques, quadros da famÃ-lia na parede, tapetes imensos e luxuosos que nÃ£o davam a lugar nenhum, provavelmente jÃ¡ havia corrido todo o andar dali, ainda assim, nenhuma janela! Bufei, ainda correndo, atÃ© que finalmente cheguei a uma imensa escadaria.

- Finalmente! â€“ gralhei, sentando sob o corrimÃ£o da mesma e escorregando atÃ© o seu fim. â€“ Yeah! â€“ ri, o homem ainda descia os milhares de degraus amadeirados cobertos pelo tapete vermelho, enquanto eu me dirigia a porta.

O fÃ´lego comeÃ§ava a me faltar, ainda assim prossegui, cheguei finalmente a porta. E ora vejam sÃ³, estava trancada.
>Lancei um olhar malicioso para o homem que se aproximava e transformei apenas uma de minhas mÃ£os, em garra.<p>

O sangue escorreu da mesma, o homem parou assustado e se pÃ´s a apenas observar, ainda sorrindo maliciosamente eu parti a porta com

apenas um golpe de minha garra.
>O estrondo foi enorme, e logo a porta havia sido derrubada, gargalhei e saltei sobre o buraco que havia feito na mesma.<p>

- Adeus, malucos. â€“ EntÃ£o o inesperado aconteceu, cÃ£es raivosos saltaram sob mim. Ah inferno, como Ã© que eu saio daqui desse jeito? Chutei um deles que bateu furiosamente contra a parede da casa, o outro tentou avanÃ§ar sob mim.

Me esquivei de seu ataque, mas me senti estupidamente fraca apÃ³s algumas coisas pontiagudas terem acertado minhas costas.
>Meus olhos foram se fechando e eu me senti que o mundo rodava ao meu redor, cai.<p>

- Eu a acertei senhor! Venha, vamos pegÃ¡-la.

- Com o que a acertou, Edward?

- Um veneno calmante que usam em animais na Ã•frica, sabe... Pra deixar dormindo os animais ferozes.

-Oh aquele dos escravos?

EntÃ£o agora alÃ©m de demÃ´nio, monstro eu seria um animal, e uma boneca? Haja paciÃªncia... Infelizmente apaguei devido ao tal veneno, quando acordei nÃ£o pude evitar um grito de horror.

Estava deitada em um quarto gigantesco, lotado de bonecas de porcelana. Eu jÃ¡ disse como tenho medo dessas coisinhas diabÃ³licas? Creio que nÃ£o, pois bem, certa vez no circo uma menina foi me ver na jaula levando consigo uma criaturinha dessas, acho que nunca me senti tÃ£o encurralada em toda a minha vida, os grandes olhos da boneca pareciam vivos! E eles pareciam ver alÃ©m de mim, estremeci de horror ao lembrar disso. PorÃ©m, o que fazia naquele santuÃ¡rio de diabinhas quebrÃ¡veis?

Olhos azuis, verdes, lilases, negros, vermelhos... Vestidos imensos e lindos, cabelos lisos e cacheados, todas pareciam me observar, fechei meus olhos por um instante tentando me acalmar, bonecas... Vazias... Brinquedos... Nada! Ã‰ isso que eram, nada! E eu poderia muito bem quebrÃ¡-las facilmente se tentassem alguma gracinha comigo.

Gemi, minha cabeÃ§a doÃ-a, muito aliÃ¡s. SÃ³ entÃ£o percebi que estava em uma cadeira de balanÃ§o de madeira, rosa.

Oh, agora me recordo... Devem ter me pego para ser brinquedo da anjinha mimada. Olhei para mim e me assustei, meu vestido velho nÃ£o estava mais ali, mas sim um vestido rosa, simplesmente imenso. NÃ£o sei como conseguiria andar vestindo aquele trambolho, acho que agora entendo como se sentem os bolos quando estÃ£o sendo decorados.

Diversos babados se estendiam pelo vestido, um espartilho prendia minha jÃ¡ fina cintura, ele restringia meus movimentos.
>Sentia um estranho desconforto em meus pÃ©s, provavelmente um sapato de salto estaria preso ali. Mas como ver o sapato? NÃ£o consigo nem saber onde estÃ£o minhas pernas embaixo de tanto pano!<p>

Luvas que seguem atÃ© meus cotovelos, cabelo preso em coque, provavelmente eu estaria maquiada, suspirei, tentando inutilmente

sair da cadeira de balanÃ§o. Depois de certo esforÃ§o consegui sair da mesma, incrÃ-vel como um vestido pode mudar vocÃª de Ã¡gil para mais lerda que uma lesma.

JÃ¡ de pÃ©, pendi para um lado, depois para o outro, indo em seguida para frente, meu equilibro era zero! O salto era grosso, mas eu nunca havia usado aquilo antes, sem contar o peso do vestido com aro... Deus, me ajude.

- Elizabeth! VocÃª acordou! â€“ A menina correu atÃ© mim e me abraÃ§ou, vejam sÃ³ que divertido, a euforia da mesma foi tanta que me levou ao chÃ£o. â€“ Oh, nÃ£o! Eu quebrei vocÃª?
>NÃ£o posso ter quebrado minha boneca assim, nÃ£o posso!<p>

- Como? Sou menina, nÃ£o boneca. â€“ murmurei, tentando tirÃ¡-la de cima de mim, mas a menina pareceu gostar dali. â€“ Saia de cima de mim! â€“ gracejei, ainda assim ela continuou ali, em relutÃ¢ncia ao ato, tentei empurrÃ¡-la para baixo para inverter as posiÃ§Ãµes, infelizmente o ato falhou.

A menina era forte, e levou meus braÃ§os para cima, prendendo-os acima de minha cabeÃ§a. O ato foi tÃ£o rÃ¡pido que eu nem pude fazer nada, vejam sÃ³ como o vestido me deixou atordoada.

- VocÃª Ã© tÃ£o linda, - murmurou, abaixando seu rosto, encostou seu nariz ao meu â€“ E serÃ¡ apenas minha, de mais ninguÃ©m.

Corei, o que aquela menina pretendia? NÃ£o me diga que ela Ã©...

- Deixe-me apresentar, me chamo Caspian. â€“ COMO? Essa menina... Ã‰ menino? Ou Ã© doida de pedra? â€“ Mas todos me chamam de Pandora, diga, eu nÃ£o sou linda?

... Ok, vamos recapitular essa situaÃ§Ã£o, estou abaixo de um menino que se veste de menina, acredita que sou sua boneca e tem atÃ© nome de guerra? Qual Ã©? Isso Ã© sÃ©rio?

- Quantos vocÃª tem, Elizabeth? â€“ Tornou a falar, ainda em cima de mim.

-Saia de mim que eu te respondo.

- Que boneca atrevida... Mas nÃ£o quero sair daqui, me sinto estranhamente bem acima de vocÃª. â€“ Maldito garoto que acha que Ã© garota... â€“ EntÃ£o, eu respondo por vocÃª, sim? Tenho 14 anos, e jÃ¡ que sou mais velho, lhe darei uma idade.

- Tenho oito. â€“ respondi, virando o rosto para o lado, a respiraÃ§Ã£o dele, ou dela, seja lÃ¡ o que esse ai Ã©, estava comeÃ§ando a me incomodar.

SerÃ¡ que eu conseguiria me transformar com todo aquele pano me restringindo?

Senti os lÃ¡bios finos dele passando pelo meu pescoÃ§o, me arrepiei, e o empurrei para longe de mim.

- O que pensa que estÃ¡ fazendo, homem-mulher? â€“ gritei, levando a mÃ£o atÃ© meu pescoÃ§o, me sentei, longe dele, que por sua vez riu.

- AtÃ© o seu cheiro Ã© delicioso... VocÃª serÃ¡ minha eterna boneca, entÃ£o quando crescer eu te faÃ§o minha esposa, que tal?

Dessa vez quem riu fui eu, que raios de situaÃ§Ã£o Ã© essa a qual estou passando?

- VocÃª estÃ¡ brincando nÃ£o Ã©? NÃ£o ficarei aqui, nÃ£o sou sua, e muito menos boneca. EsqueÃ§a que existo ou irei te cortar com minhas garras. â€“ ameacei.

- E vocÃª consegue se transformar com tanta roupa te cobrindo? â€“ riu.

- Tente me tocar novamente e veremos se nÃ£o me transformo, maldito filho de puta sem sexo.

- Hey, hey, hey! Que bonequinha de boca suja. â€“ Se levantou e foi atÃ© mim, segurando meu queixo com sua mÃ£o direita. â€“ Uma boca tÃ£o linda nÃ£o deveria conter palavras tÃ£o cortantes, serÃ¡ que eu posso retirÃ¡-las daÃ- com minha lÃ-ngua? â€“ Minha cor provavelmente deveria estar alÃ©m de vermelho, provavelmente eu estava roxa de vergonha!
>Ele gargalhou me soltando.<p>

- Ein, vocÃª nÃ£o disse que ia me cortar em pedacinhos? Estou esperando. â€“ gargalhou novamente.

Tentei me mexer mas para minha surpresa aquele vestido realmente nÃ£o me deixava movimentar, sem contar o espartilho que estava cortando minha respiraÃ§Ã£o.

- Argh, que saco de vestido! â€“ gritei.

- E o que vai fazer, tirÃ¡-lo na frente de um garoto? â€“ lambeu o lÃ¡bio inferior.

- Pra mim vocÃª nÃ£o passa de uma garota pervertida, esteja certo disso. E pare de me olhar assim, caramba!

- Sou de fato um garoto para sua informaÃ§Ã£o. â€“ balbuciou se deixando cair sob o chÃ£o, bocejando em seguida.

- Se Ã© garoto, qual a razÃ£o pela roupa de garota? E os cabelos compridos, sem falar das bonecas.

- Bem... Sou um pouco excÃªntrico, nada alÃ©m disso. Ainda sou um garoto, faÃ§o isso para irritar meu pai... E quanto ao cabelo. â€“ puxou o cabelo, que ao fim era uma peruca.

Agora era oficial, estava boquiaberta, era tudo um plano para irritar o pai? Mas o cabelo parecia tÃ£o real e...

- E entÃ£o se apaixonou por mim? JÃ¡ que nÃ£o para de me olhar. â€“ riu.

- Jamais! Mas... Pra que irritar seu pai?

Ele suspirou pigarreando, achei que nÃ£o fosse falar, mas, no fim ele acabou revelando seus motivos. Seu pai nunca lhe dera atenÃ§Ã£o, era

rico, mas vivia nos cabarÃ©s e nos bares da cidade, Caspian me explicou que nÃ£o tinha mÃ£e, e que fora criado basicamente por criados que nunca lhe deram carinho ou nada assim.

EntÃ£o, em uma forma de tentar chamar a atenÃ§Ã£o do pai, se travestiu. Estranho, nÃ£o? Ainda assim isso nÃ£o muda o fato de que ele Ã© pervertido, egoÃ-sta, e louco.

- Tire esse espartilho de mim Caspian. â€“ pedi.

- Hey, vocÃª Ã© nova de mais pra isso, eu te disse, sÃ³ quando crescer.

- Imbecil! Estou pedindo que o tire para que eu possa respirar! â€“ Ele riu, e foi atÃ© onde estava. Se ajoelhou atrÃ¡s de mim, e colocou meu cabelo para a frente.

Ele parecia se divertir em ser sedutor, nÃ£o que eu estivesse caindo na dele, por Deus, mas nÃ£o posso negar que estou envergonhada.

Os dedos comeÃ§aram a desamarrar os fios do corpete, e logo ele caiu ao chÃ£o. Puxei o ar com forÃ§a, era um alivio poder finalmente respirar.

- VocÃª vai embora, nÃ£o Ã©? â€“ ele comeÃ§ou, virei para trÃ¡s assustada, nÃ£o esperava algo assim do idiota pervertido sem sexo. â€“ Me diga pelo menos seu nome.

- NÃ£o tenho nome. â€“ admiti. â€“ Nem nome, nem origem, sou um monstro Caspian.

- NÃ£o vejo nenhum monstro a minha frente, me permite te dar um presente, jÃ¡ que nunca mais nos veremos?

Dei de ombros, ele correu para fora do quarto, tropeÃ§ando em algumas bonecas no caminho. Voltou trazendo duas caixas grandes.

- Se vai voltar a estrada, troque de roupas, vocÃª e linda e chama atenÃ§Ã£o por onde passa. Se vista como um garoto, ou arrumarÃ¡ muita confusÃ£o em seu caminho. â€“ Eu era... Bonita? Isso me pegou desprevenida, sinceramente. â€“ Veja, tem uma calÃ§a, uma bota nova e sem salto. â€“ riu, mostrando a fileira de dentes brancos e perfeitos, infelizmente ele era sedutor atÃ© tentando ser normal. â€“ Uma camisa, uma blusa de frio pra amarrar na cintura, e uma pequena touca, assim esconde seu cabelo, viu?
>Quem diria que o pervertido era uma boa pessoa...<p>

- Obrigado. â€“ agradeci.

- NÃ£o terminei ainda Elizabeth, - me calou â€“ Tirou da caixa seguinte uma pequena bolsa. â€“ Coloque aqui o que tiver de importante, assim fica mais fÃ¡cil se locomover, certo? E por Ãºltimo, Ã© algo para se lembrar sempre de mim.
>Tirou de um pequeno saquinho vermelho um colar dourado, o pingente era uma estrela.<p>

- Lembre-se que tem um garoto a sua espera, e que quando crescer irÃ¡ se casar com ele, capiche? â€“ Tive que rir, mas acabei aceitando o presente, jÃ¡ que se eu nÃ£o aceitasse ele teria uma crise de mimo, intencional claro.

- VocÃª terÃ¡ que sair escondida, meu pai arrumou um comprador para vocÃª. JÃ¡ que diz que vocÃª Ã© um animal raro, entÃ£o. â€“ Abriu a janela. â€“ JÃ¡ vi vocÃª saltar antes, consegue fugir mesmo sendo do terceiro andar?

- Claro. â€“ sorri.

- EntÃ£o,atÃ© mais. â€“ Me abraÃ§ou- NÃ£o direi adeus pois sei que voltaremos a nos ver, boa sorte em seu caminho, garota sem nome.

E lÃ¡ estava eu novamente, na estrada, Caspian havia me dado comida para guardar na bolsa, juntamente com Ã¡gua, o dinheiro eu recusei. NÃ£o aceitaria mesmo que quisesse.

- Hey menino, pra onde estÃ¡ indo? â€“ Um homem passou com sua carroÃ§a.

- Para onde o vento me levar. â€“ disse, Caspian havia me dito para esconder o cabelo, quem diria que daria certo.

- Ah, viajar Ã© de fato uma maravilha! Quer carona? â€“ sorri, pessoas boas ainda existiam afinal.

Dois dias inteiros se seguiram, e finalmente chegamos ao porto. Agradeci ao homem e desci de sua carroÃ§a, dando-lhe adeus.

Me senti maravilhada com o tamanho impressionante do oceano, era magnÃ-fico! Um azul titÃ¢nico e profundo com tons esverdeados faziam ondas com uma espessura incrÃ-vel enquanto a borda branca de espuma tombava para frente a onda quebrava. Corri para a areia, o vento forte fez com que eu segurasse minha touca enquanto corria, a areia rangia perante os sons de meus passos rÃ¡pidos.

O cÃ©u era um mesclar de azul tempestuoso com o lilases das nuvens carregadas. Logo choveria, ainda assim eu estava completamente maravilhada, era tudo tÃ£o... Imenso, que por um instante esqueci completamente de todos os problemas que me assolavam.
>Me senti apenas mais um grÃ£o fino e pequeno de areia perante aquele universo de mistÃ©rios, tÃ£o mÃ¡gico, tÃ£o... Eterno.<p>

LÃ¡grimas escorriam dos meus olhos, mas eu nÃ£o me sentia triste. O que era aquilo entÃ£o?

Eu nÃ£o sei, nunca descobri, sÃ³ sei que me sentei na areia e fiquei olhando aquele mar perfeito e imortal, enquanto sorrindo, chorava.

Uma voz me tirou de meus devaneios, e era de uma mulher.

- Menino saia daÃ-, nÃ£o tarda a chover! Onde estÃ¡ sua famÃ-lia? â€“ Era uma mulher forte, gorda, olhos e cabelos escuros, era morena, mas nÃ£o mulata. â€“ Oh, o que foi? EstÃ¡ chorando?

Antes que eu respondesse ela me puxou pela mÃ£o e me abraÃ§ou.

- EstÃ¡ sozinho, pequenino? Venha, vou te levar atÃ© meu bar e te dar de comer, tudo bem? â€“ ela sorriu, e me levou consigo.

Subimos para o cais e finalmente chegamos ao seu bar, era feito para

marinheiros, muita bebida, comida, e espaÃ§o. VÃ¡rios homens se estendiam nas mesas, bebendo alegremente enquanto contavam seus casos do mar para outros.

Ela me levou atÃ© um banco e pediu que eu sentasse, voltou trazendo um prato com comida quente, e um copo de suco.

- Vamos, coma. NÃ£o fique envergonhado. â€“ sorriu, e eu acabei comendo, afinal a comida que Caspian havia me dado jÃ¡ acabara fazia um bom tempo, estava faminta.

- NÃ£o tem pais?

Fiz que nÃ£o com a cabeÃ§a.

- Nem lar?

- NÃ£o...

- Quer ficar comigo e me ajudar a cuidar do bar? â€“ sorriu carinhosamente, um convite um tanto inusitado.

- PerdÃ£o?

- Ora, eu sou uma mulher sozinha menino, preciso de ajuda para cuidar disso, e infelizmente meu marido morreu em um NaufrÃ¡gio a muito tempo atrÃ¡s, estou sozinha desde entÃ£o. Que acha de me ajudar? â€“ levou as mÃ£os atÃ© a cintura, e me olhou com ansiedade pela resposta.

- Fechado. â€“ respondi firme.

- Ã‰ assim que se fala meu jovem! Qual seu nome?

-... John. â€“ respondi rapidamente, foi o primeiro nome que me viera a mente.

- Muito bem John, me chamo Alessandra, sou espanhola, e este Ã© o meu bar o "Puerto amore", seja bem vindo a minha tripulaÃ§Ã£o de ajudantes!

Um ano havia se passado, estava feliz ajudando a senhora Alessandra, eu tinha comida de graÃ§a, cama, era livre pra ir e vir quando bem entendesse, me divertia na companhia dos marinheiros que me contavam diversas histÃ³rias, e estava juntando dinheiro.

AtÃ© que um dia um dos homens me chamou para viajar com seu navio. Era um capitÃ£o e se chamava Roberto, disse que eu possuÃ-a traÃ§os orientais e que provavelmente minha origem deveria ser no JapÃ£o ou China, depois de muito pensar, resolvi ir embora com ele, caso nÃ£o encontrasse nada que me agradasse na jornada, ele me traria de volta a Alessandra.

Alessandra sabia sobre minha verdadeira sexualidade, mas me preveniu para deixar isso em segredo, isso facilitaria mais as coisas.

E depois de uma semana no porto, o navio pirata finalmente estava partindo, comigo em sua tripulaÃ§Ã£o, e a direÃ§Ã£o era a minha origem, JapÃ£o.

* * *

><p>Fim do capitulo dois.
E entÃ£o o que acharam? Eu adorei colocar o Caspian na histÃ³ria! Claro que ele surgiu enquanto eu escrevia, a idÃ©ia inicial era fazer uma menina mimada que queria a Yui como boneca, nada alÃ©m.
>Mas um surto de loucura e inspiraÃ§Ã£o me abalou e acabei escrevendo tudo isso, em menos de duas horas. Sinistro, nÃ©?
Bem, como devem ter visto Yui ainda nÃ£o chegou ao JapÃ£o, e ainda nÃ£o se encontrou com o Shinsengumi, isso tardarÃ¡ um pouco, admito.
>PeÃ§o desculpas por tardar tanto a chegada do JapÃ£o e do Shinsengumi, mas preciso mostrar a histÃ³ria de Yui antes disso, nÃ£o Ã© mesmo?
Bem, este foi um capitulo leve, pelo menos no meu ponto de vista. Espero que tenham gostado, atÃ© o prÃ³ kissesKeito-chan.

End
file.